

Corpos em nós

Tiago Amaral Sales¹

Seria talvez necessário dizer também que fazer amor é sentir o corpo refluir sobre si, é existir, enfim, fora de toda utopia, com toda densidade entre as mãos do outro. Sob os dedos do outro que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir, contra os lábios do outro os nossos se tornam sensíveis, diante de seus olhos semicerrados, nosso rosto adquire uma certeza, existe um olhar, enfim, para ver nossas pálpebras fechadas. O amor, também ele, como o espelho e como a morte, sereniza a utopia de nosso corpo, silencia-a, acalma-a, fecha-a como se numa caixa, tranca-a e a sela. É por isso que ele é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte; e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cerca, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está aqui

Michel Foucault – O corpo utópico

¹ Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integrante do UIVO: Matilha de estudos em criação, arte e vida (UFU); e do GPECS: Corpo, gênero, sexualidade e educação (UFU). E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

Um olhar, um sorriso, um desencontro. Um contato, uma conexão.

Um beijo. Língua com língua, corpo com corpo, profundidades.

Se perdendo. Se encontrando.

Delírios conjuntos. Horas de intensidades.

Achava ele que a vida era um conto – de fadas, duendes, gnomos, unicórnios, romances e surubas. Se aventurou nas perdições mundanas e carnais: caminhou pelo seu corpo e pelo corpo do outro. Foi se descobrindo e também se perdendo.

Em meio à tanta inocência, pudor. Em meio ao pudor, moralismo. Anos na escuridão com feixes de luzes coloridas que vinham e voltavam. Apaixonou-se perdidamente, na construção de um ser que nem existia: gostava das ilusões como fuga-da-vida-real – realidade, será que isso existe?

Real era apenas o seu corpo e o seu mundo. Mas onde ele começava e em que lugar iniciava o corpo-do-outro? Tudo era mundo, apenas.

Comecei a observá-lo nas perambulações que fazia – falo um pouco de longe, mas com um olhar de perto-e-de-dentro.

Pelos corpos, pelos desejos, em pele, pelos, cabelos, porra e saliva, desenhou mapas. Nas bocas, aventurou-se. Tinha um certo cuidado: a morte poderia até pairar com alguma proximidade, mas não demais. Queria e quer continuar existindo, caminhando pelas beiradas, andando por entre abismos escuros e vales verdes, luminosos, irradiantes. Eram, sempre, experimentações afirmativas da vida. Gostava sobretudo de cores vibrantes e alegres, mas ficava surrealmente bonito vestido de preto – coisa que o seu orixá de cabeça não lhe permite em excessos.

Experimentou muitas bocas, viveu em diversos corpos. Começou as suas experimentações entre-e-intra-carnais em corpos tidos como femininos: beijou garotas tantas que nem sabe quantas. Gostava, mas algo lhe faltava. Com um grande anseio, buscava sempre algo mais. Procurou preencher estes vazios pela boca – Freud explicaria. Será?

Beijou, bebeu, fumou, tomou, vomitou. Viveu pela(s) boca(s). Transbordou. Diriam que o peixe morre pela boca, mas nas bocas ele encontrava geralmente vida – exceto nos vômitos e fumaças, que cá entre nós, mais o matavam que permitiam viver.

Foi nessas aventuras entre-bocas que se permitiu beijar um primeiro rapaz. Roçando a barba nos rostos, sentiu algo diferente nele e no outro. Um volume que vinha de dentro. Pulsão, força, potência: percebeu no beijo entre dois homens uma experiência incrivelmente profunda, singular: cheiro amadeirado, “perfume-masculino”, mistura de café com cerveja e cigarro e barba e pau e suor e brutalidade e delicadeza.

Pau e cu, penetração, porra, gozo conjunto, orgasmos. Aventuras, segredos. Primeiros armários para sair.

Encontrou no masculino o feminino. Misturou. Quebrou tal binarismo para se abrir a uma gama de possibilidades de vivências. Desejos, performances, vontades. Um sopro de vida o movia, mas sabia que viver assim era andar na corda bamba: o risco pairava à solta.

Apaixonou-se profundamente de primeira. De segunda, bem menos. Na terceira, um pouco mais. Viveu em outros corpos – vivia também no seu? Sim e não. Vivia um dia com potência, o outro com desespero – espera aí, desespero não é potência também? Potência para o gozo, tesão. Potência para a vida, movimento. Fricção, intensidades. Profundidades no peito. Ficções. Paixões. Dor. Pensava: para que sofrer tanto se pode *apenas* beijar e transar e amar? Por que tamanha dor se o contato entre línguas e corpos é tão gostoso? Achava ser possível separar as intensidades e só comer a cereja do bolo.

Entrelaçando corpos, se sentiu mais: forte, potente, desesperado, vazio, ansioso. Enroscou-se algumas vezes em desespero. O que estava fazendo? Nem ele sabia. Coitado, era tomado pela ansiedade de querer sempre viver – mais e mais e

mais, quase um porre em uma festa que nada pagou. Queria engolir tudo no desejo de aproveitar aquela riqueza grande mas finita, querendo guardar. Percebeu que neste desespero habitava um medo: a morte lhe angustiava e também o atraía. Buscava no viver-do-corpo validar esta vida que, sempre soube, poderia acabar a qualquer momento – e nem por isso sentia menos medo de seu fim.

Confesso que, o acompanhando durante todo este tempo, percebo um certo grau de irresponsabilidade consciente, desequilíbrio controlado, loucura sã. Como podia encontrar estes limites para caminhar em cordas-bambas? Nem ele sabia. Só ia seguindo, e às vezes caía – sorte que nestas situações conseguia se recuperar, restabelecer-se em linhas esquizas e seguir adiante.

Tinha – e ainda guarda certa quantidade de – uma tristeza profunda, azul-escuro, oceano frio, perigosa de se afogar, linda de se observar: traiçoeira: de tão bonita, era apaixonante; de tão fascinante, era mortífera. Tristeza que infectava quem se afeiçoasse demais. Certos dias ela o paralisava, em outros o movimentava em direção ao desespero. Taquicardia, dor no peito, impulsividade. Às vezes, introspecção.

A iminência dos contágios, sobretudo nos territórios pandêmicos, geraram certo medo, não distante da materialidade viral possível de descarrilar-se em adoecimentos e mortes. Era necessário encontrar trajetos frutíferos ao prazer, nos encontros possíveis. Pensava: “o mundo é deles, e meu também”. Coexistir em um espaço com tantos outros seres demandava atualizações contínuas de suas estratégias de vida e de desejo.

Bebia demais, beijava por ânsia, fumava por prazer-e-desespero. Transou algumas – poucas – vezes sem ter tanta vontade. Sim, na hora do encontro precisava de ter uma certa conexão entre boca-e-boca, língua-com-língua, pau-com-boca-com-pau-com-cu, corpo-com-corpo. Tinha que ser profundo, mas nem sempre era. Tudo bem: se não fosse, era só seguir em frente, acreditava. Mas

descobriu na pele que certas vezes o feito-no-impulso o acompanharia por anos ou, quiçá, a vida toda. É que determinadas coisas que se faz marcam o corpo, tatuam a existência: não estou dizendo nem para ele nem para vocês que fazer atitude-de-impulso diz quem você é, eu nem sequer acredito nisso, apenas conto que o que ele fazia continuava o acompanhando mesmo que ele não quisesse. Era o preço do envolvimento: a marca-no-corpo.

Nos primeiros anos de maior experimentação corporal, era cheio de pudor e moralismo. Dificultava o entre-laçar com corpos diferentes: escolhia uma presa para colocar com(o) paixão e nela se prender. Com o tempo foi aprendendo a se soltar e só ir: relaxar e sorrir, beijar e trepar, animais no cio (in)constante, homens transando pela vontade de foder e, depois, conversar um pouco numa (pseudo)intimidade. Vazio? Você pode até julgar que sim. Para ele era gostoso – talvez ainda seja gostoso e também carregue certa dose de falta, espaço preenche de possíveis. Terei mais atenção nos olhares do presente.

Uma característica que o acompanha e causa certo incômodo em mim é perceber que aquela tristeza azul-bonita caminhava *pari passu* com uma dificuldade de se reconhecer como bom-e-belo-e-digno-de-ser-amado: ele, *sometimes*, se via como a pior pessoa do mundo. Mas, quem é que nunca se viu assim? Hoje, se reconhece bonito-e-belo-e-digno-de-amor grande parte do tempo, mas não a todo momento – seria hipocrisia minha exigir isso dele já que ninguém consegue se amar *de verdade* o tempo todo? Até esse *de verdade*, sei lá, viu, não sei se existe não. Voltemos para ele: gostava de procurar verdades, era perfeccionista, talvez na intenção de ser-mais-e-mais-e-mais: ser-mais era ser digno de amor? Não sei. Mas queria ser amado intensamente por um, dois, três homens. Transar com os três e não apenas se apaixonar, mas entregar-se de corpo inteiro.

Seria possível amar três homens ao mesmo tempo em que se amava também? Não sei, só sei que ele se afeiçoa com os impossíveis: é esse tal gosto de andar na

corda bamba, de ser-mais, de viver intensamente: medo de morrer jovem. Hoje, chegando na vida adulta, talvez muito tenha mudado – ou nem tanto. Temo também que esse medo somado ao desespero fantasiado de intensidade o mate antes dos trinta. Mas nos últimos tempos ele tem se cuidado mais depois de alguns sustos – percebeu que a morte, mesmo aparentemente longe, também ronda as proximidades. E, mesmo gostando dos impossíveis, valoriza os possíveis: no que está dentro dos limites de cada um existe cuidado de si e do outro, caminho de preservar a vida. Aprendeu a transgredir as barreiras com cautela.

No seu corpo, via beleza e feiura. Era inconstante. Teve dores e delícias. Ou melhor: ainda tem. É sobretudo intenso. Mais uma vez, fruto proibido do medo-de-morrer misturado com a iminência e traição diária da morte que o aproxima da força que a vida tem. Pensar na morte na maioria das vezes não o aproximava dela, apenas permitia que tivesse mais contato com a sua vida e a dos outros e outros e outros que nele perambulavam.

Percorria corpos masculinos em desejos, memórias e sabores. Gosto do desejo, boca-cheia-d'água: delicioso fruto proibido do tesão entre dois homens, do encontro promíscuo, da paixão carnal. Do sexo masculinizante – binário? Talvez. Subversivo? Na medida do que podia ou conseguia ser: vivia sempre em limiares, rompendo estruturas impostas, mas, por ser do interior, de país periférico, família quase tradicional, ainda estava repleto de micro-traumas-e-preconceitos: sua tarefa era exorcizá-los dia por dia. Expurgar os microfascismos. Ou será que gente da capital também tem isso de preconceito? Não sei. Talvez ele também encontrasse os seus jeitos de experimentar, criava os seus modos de existência e de ter prazer. Acho que sim...

Se conectava profundamente com os corpos de homens que tinha a tal da química, gerando física, biologia, afecção, contágio, atrito, energia, suor, tesão e gozo. Paixão? Fome? Desejo? Vontade de devorar, comer carne viva, saborear e se servir.

Nos entrelaços consigo e com o outro, se forma-e-desforma: bota para dentro e fora, para a forma, transforma, em uma informação deformante, preenchendo corpos em tensão-vivo: força que movimenta os corpos-envolvidos, sugando e doando, em ciclos, cadeias, tramas... em nós.

Entrelaço do eu com o outro, de mim com você que aqui nos encontramos. Entre. Corpos, encontros com palavras, palavras-de-sexo, frases infectadas, contagiantes, amor, paixão. Conexões em nós, pelos pelos e cabelos, línguas e pele, pelo sangue, percorrendo, afetando e sendo atravessado, em movimentos de vida: um respiro profundo, batimento cardíaco acelerado, hormônios-a-mil: pulsando em forças.

Recebido: 01/12/2021

Aceito: 20/08/2022